

Boa vizinhança

A Argentina já não assusta

ORLANDO CALIMAN

Sem dúvida, um dos fatos mais marcantes ocorridos nessas duas últimas semanas, sobretudo, pela velocidade do acontecido, foi o descolamento do Brasil do risco argentino. Pela primeira vez, pelo menos, a pior da situação do nosso vizinho não nos abalou; pelo contrário, fortaleceu relativamente a nossa posição de risco, como também possibilitou ao mundo olharmos com outros olhos. A queda do dólar observada nesses últimos dias revela exatamente esse novo fenômeno. Uma leitura que podemos fazer é de que, em grande parte, as empresas brasileiras já embutiram em seus planejamentos o fator argentino, independentemente do desfecho que possa advir das últimas medidas adotadas pelo presidente De la Rúa. Alguns analistas chamam a atenção até para um provável calote, mais a frente. Mesmo assim, não há mais espaço nem para choradeira, nem para justificativa. Culpar nossa economia vizinha já não cola mais. A crise argentina já foi deglutida; já repercutiu. Resta-nos enfrentar a crise global. Essa sim, deve nos assustar mais.

Mas, o que representou ou representa a Argentina para o Espírito Santo? Para nossa economia, a Argentina nunca desempenhou um papel decisivo. É certo que no auge das importações de automóveis, nossos portos funcionaram como porta de entrada, tendo esse país despontado como um dos principais pólos exportadores. No entanto, do lado das importações, a diversificação da pauta geral, principalmente com a inclusão de produtos com maior valor agregado, a exemplo dos produtos de telecomunicação, e a queda na importação de automóveis resultaram na redu-

ção do peso relativo dos produtos provenientes daquele país.

Quanto às exportações, a participação da Argentina é bem pequena. Chegou a representar apenas 3,07% do valor total das exportações das empresas capixabas, no ano de 2000, segundo dados levantados pelo IPES - Instituto de Pesquisa do Espírito Santo, órgão sucessor do IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves. Isso significou 86 milhões de dólares de um total de 2,7 bilhões de dólares exportados. Isso revela também o reduzido peso do Mercosul nas nossas exportações efetivas: apenas 3,3%.



Nossa maior dependência externa com relação a Argentina, numa análise a partir de grupos de produtos, fica por conta do grupo chocolates. Em 2000 exportamos o correspondente a 16,6 milhões de dólares, o equivalente a 24% do total de chocolates exportados por empresas capixabas. O café em grão é outro produto que chegou a exportar 21 milhões de dólares por lá - 10% de todo o café exportado pelo es-

tado. Os demais produtos têm pouca representatividade na pauta, caso de tecidos e fios de linho, calçados e confecções. Com relação aos grandes grupos de produtos exportados, produtos siderúrgicos e celulose, o mercado argentino é residual.

Trocando em miúdos, em termos de economia capixaba, a Argentina nos afetou mais pelo lado das turbulências que tem gerado, de efeito generalizado, que do lado da derrocada de sua economia.

ORLANDO CALIMAN escreve às quintas-feiras nesta coluna